

Arbusto australiano é a mais nova ameaça à Amazônia

Omar Lugo - Agencia EFE - www.efe.com

12 de Março de 2004

Rio de Janeiro - A plantação de uma espécie de árvore originária da Austrália em milhares de hectares da Amazônia brasileira, cuja utilização beneficia a indústria do papel, é uma ameaça para a biodiversidade, segundo grupos ecológicos e cientistas consultados pela EFE.

Um grupo empresarial de capitais suíço e canadense, o BrancoCel, está por trás das extensas plantações nos cerrados do estado de Roraima, no norte do país.

"Há uma preocupação com o impacto ambiental provocado por estas plantações perto de povoados indígenas. Elas afetam o volume da água", disse André Vasconcelos, porta-voz do Conselho Indígena de Roraima, (CIR), uma organização integrada por comunidades nativas.

O BrancoCel tem autorização para cultivar até 70 mil hectares - existem 30 mil hectares prontos para a colheita - da espécie acácia mangio (acacia mangium)".

O grupo também pretende aproveitar os enormes benefícios fiscais para construir, em Boa Vista, capital de Roraima, uma fábrica para produzir celulose.

"O governo vai lhes garantir energia subsidiada por 20 anos. O dinheiro do povo será usado para financiar uma empresa de capital internacional", afirmou Vasconcelos.

Os líderes indígenas pedem que "a legalidade do projeto e seu impacto nas comunidades" sejam investigados.

Roraima tem 340 mil habitantes e grandes problemas sociais, econômicos e ambientais. Dois terços de seu território, de 250 mil quilômetros quadrados, são de selva amazônica, embora a fronteira agrícola e agropecuária avance rapidamente, junto com a pobreza e a criminalidade.

O estado não tem comunicação terrestre com o restante do Brasil, mas uma estrada permite o acesso ao mar do Caribe através da Venezuela, de onde recebe quase toda a energia que precisa.

A empresa de papel prevê a exportação de cerca de 120 mil toneladas de celulose por ano, avaliadas em 100 milhões de dólares, através de Manaus, capital do vizinho estado do Amazonas, e de portos da Venezuela.

Os críticos temem o impacto ambiental que a fábrica em construção pode causar, dado o intensivo uso de cloro, soda cáustica, água e energia.

Além disso, existem acusações sobre as extensas plantações de espécies exóticas, que exercem forte impacto em ecossistemas frágeis, como o dos cerrados e das selvas amazônicas.

Segundo cientistas, monoculturas como a da acácia, que absorve enormes quantidades de água, prejudicam os lençóis freáticos do solo e alteram os ciclos hidrológicos.

"Agora, começa-se a descobrir a gravidade do problema", afirmou Luiz Carlos Gomes, do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), que agrupa 43 organizações comunitárias.

A BrancoCel alega que está "reflorestando" o cerrado e que purificará a água residual antes de devolvê-la ao rio, tudo de acordo com as rígidas normas ambientais. O grupo também afirma que gerará 6 mil empregos.

O projeto foi aprovado pelas autoridades ambientais de Roraima, que o classificam como "a última oportunidade de desenvolvimento do estado".

Mas os opositores advertem que o verdadeiro impacto não foi calculado, assim como o custo real dos empregos não qualificados que foram prometidos.

"Não dará resultado", avaliou o biólogo especialista em manejo florestal Niro Higuchi, do Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa), ligado ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT).

"Essa espécie nunca foi experimentada em grande escala. Não se trata sequer de um problema ambiental, mas social e econômico, com um investimento muito alto e de alto risco", assegurou.

Em Roraima, a acácia soma-se ao gado e ao cultivo da soja e do arroz na pressão sobre a selva e o cerrado naturais, em um duvidoso modelo de desenvolvimento.

"É uma incógnita", disse o biólogo Reinaldo Imbrosio, também do Inpa.

"É uma densidade muito grande de uma só espécie para um ambiente extremamente frágil", explicou. Nesse ecossistema existem entre 250 e 270 espécies vegetais identificadas. Elas estão sendo substituídas por uma só.

"Provavelmente, isso terá impacto sobre o ciclo hidrológico", acrescentou Imbrosio, que há 20 anos pesquisa a Amazônia.

Descrita como uma "espécie invasiva", a planta causou estragos em regiões da África e de várias ilhas do Pacífico.

Organizações como a "Friends of the Earth International" e a "World Rainforest Movement" advertem que as monoculturas de árvores não devem ser confundidas com "reflorestamento" ou com a recuperação de florestas de espécies nativas.

Na verdade, essas plantações esgotam o solo e requerem o uso de pesticidas e adubos químicos. Além disso, deslocam pequenas e médias propriedades e, por essa razão, aumentam a pressão sobre o preço das terras e sobre novas áreas virgens.